

MARIA DO MAR E A TURMA ACREDITAR!



MARIA DO MAR E A TURMA ACREDITAR!



Título: Maria do Mar e a Turma Acreditar!

Edição: Acreditar – Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro

Apoio: SIC Esperança

Conceção: Ideias com História

Coordenação editorial: Miguel Correia (Ideias com História)

Texto: Susana Amorim

Direção de arte e paginação: Joana M. Gomes (Ideias com História)

Ilustração: Daniela Leal (Ideias com História)

ISBN: 978-989-8937-24-7

Depósito legal: 472727/20

1.ª edição: 2020

Dia da festa de finalistas!

Sou a Maria do Mar e tenho uma história para vos contar... Uma história real, sobre a minha vida que, apesar de ainda ser curta — tenho 10 anos — já me trouxe muitas aventuras!

Hoje é o último dia nesta escola tão especial, onde fiz muitos amigos e partilhei momentos com pessoas inesquecíveis. Tenho um bocadinho de pena por estar a acabar o meu percurso aqui, mas, por outro lado, outros desafios vão começar e sei que nunca estarei sozinha! Aliás, nunca estive sozinha, e já vão perceber porque digo isto...



Eu gosto muito de rimar e descobri que também tenho jeito para desenhar, por isso, quando o professor Eduardo nos pediu para apresentarmos, da forma que quiséssemos, algo sobre o nosso crescimento nesta escola, decidi fazê-lo assim. Espero que gostem! A minha exposição chama-se «Acreditar» e vou falar-vos um pouco sobre isso.

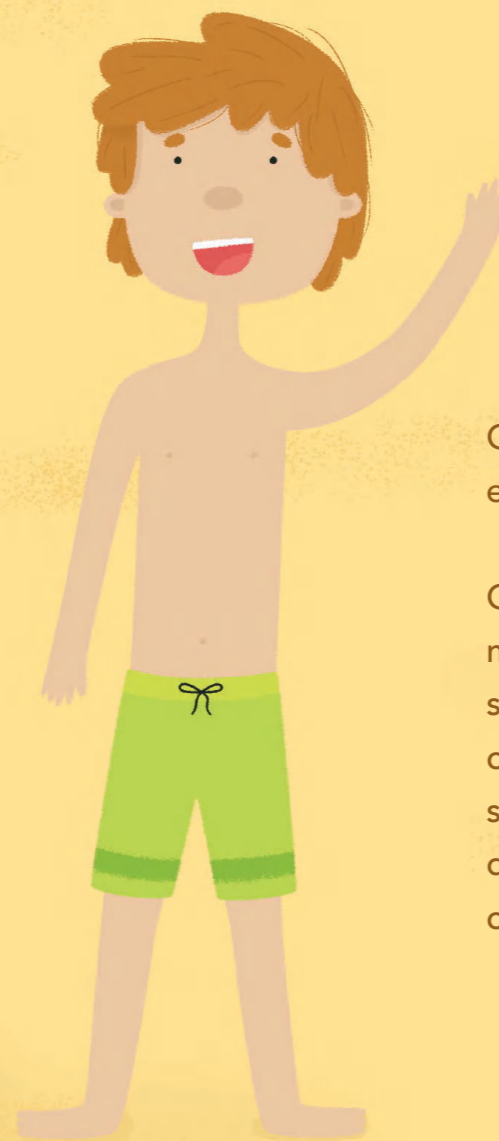
Sabiam que, além das pessoas, as coisas às vezes também falam? Não acreditam? Pois bem, garanto-vos que é verdade! Mas nem todos conseguem ouvi-las; isso é certo. Eu, desde pequenina que consigo, e isso tem-me ajudado muito!

Entretanto tenho ensinado também outras pessoas a ouvirem o que de bom as coisas têm a dizer. O truque é simples e só temos de treinar, mas não vos vou dizer já qual é. Terão mesmo de esperar!



Tudo começou numa tarde quente há alguns anos. Estávamos de férias e eu observava o meu irmão, que tem mais dois anos que eu, a deslizar nas ondas deitado na sua prancha. «Tu também consegues, Maria do Mar!» — ouvi, sem saber de onde tinha vindo aquele sussurro, pois havia imensa gente na praia. «Tu também consegues!» — ouvi novamente.

A verdade é que nem pensei muito sobre de onde viria aquela voz, porque, subitamente, nasceu em mim uma vontade enorme de tentar também deslizar naquela espuma. Pouco tempo depois, ainda de braçadeiras, lá estava eu na prancha que o meu irmão me emprestou, a sentir a força do mar. E fiz isto muitas, muitas e muitas vezes, todos os dias em que fui à praia.



O meu irmão emprestava-me a prancha e ajudava-me com entusiasmo.

O Luís, é assim que ele se chama, é muito meu amigo, e eu dele também! Ele fica sempre feliz com os meus sucessos e preocupado com as minhas dificuldades, como se fossem dele. «És um irmão galinha!» — digo-lhe muitas vezes a brincar. «Cócóró-cócó!» — faz ele — «Podes crer que sou!».

Bem, mas continuando a contar-vos sobre como descobri a voz das coisas, eu gostava cada vez mais de estar na água, que me deixava salgada da cabeça aos pés! Os meus pais perceberam isso e decidiram comprar-me também uma prancha. Eu e o meu irmão divertíamos-nos a valer! Ele dizia-me muitas vezes: «Maria do Mar, és a menina mais corajosa que conheço!».

Um dia, deslizava eu na espuma branca de uma grande onda, quando ouvi: «Tu consegues melhor!». Desta vez, fiquei mesmo espantada pois estava sozinha no mar...



— És mesmo tu que estás a falar comigo?! — perguntei.

— Sim, sou eu, o mar. Gosto que gostem de mim e escolhi-te para brincar.

Eu, que sempre adorei brincar, sorri.





— Então, ao que queres brincar?

— Tenta pôr-te em pé na prancha. Vou derrubar-te e vamos divertir-nos os dois.

Eu gostei do desafio que o mar me fez e tentei levantar-me na prancha. Enquanto tentava, um pouco hesitante, ouvi o mar dizer-me: «Acredita! Sê forte como eu!». Tentei uma, duas, três, quatro, cinco vezes e, à sexta vez, levantei-me e percorri uma onda de braços abertos, sentindo-me livre e poderosa porque tinha finalmente conseguido.

— Não há problema nenhum quando não se consegue logo à primeira! — disseram as gotas salgadas do mar que me refrescavam.



A verdade é que comecei a fazer isto sempre que ia à praia — deslizar, levantar-me na prancha e saborear a frescura do mar. Nunca me cansava! Às vezes, também o vento me sussurrava: «Vá, não desistas!», e dava-me um empurrãozinho. E os peixes acrescentavam: «Estamos contigo!». Sim, também eles gostavam de diversão!



Sempre me disseram que os meus cabelos eram como raios de sol e o meu sorriso um verão quente e luminoso! É no mar que adoro estar, ora a atravessar a água a toda a velocidade, ora a equilibrar-me no ar. Também gosto de só o apreciar e nessas alturas fico inspirada para rimar! Veem...? Rime!


Não é por acaso que me chamo Maria do Mar... Os meus pais sempre gostaram de praia. Aliás, contam eles que foi aí que começou a sua história de amor — num verão à beira-mar. O meu irmão Luís também adora a praia e talvez tenha sido com ele e com as nossas brincadeiras na água que começou o meu gosto por tudo o que tem que ver com o mar. «Somos uma família de peixinhos!» — diz o meu pai a brincar, quando ao fim de semana estamos a decidir o que fazer e todos nós respondemos: «Vamos à praia!». Sim, na minha família todos gostamos da praia, seja verão ou inverno, esteja o mar calmo ou bravo.





Do meu terraço vê-se um pouco de mar, apenas um bocadinho lá muito ao longe, mas o suficiente para, sempre que alguém lá em casa precisa, ir olhá-lo e respirar fundo. Eu sei que os meus pais e até o Luís fizeram isso várias vezes enquanto estive internada. É incrível como a força do mar pode ajudar-nos!

Mas sabem que o mar também pode assustar-nos? Imaginem uma onda gigante a vir direitinha a nós em dia de tempestade. Pois bem, uma má notícia é mais ou menos isso...



Ultimamente as tempestades costumam ter nomes de pessoas... Esta de que vou falar-vos tem um nome bastante complicado e é uma tempestade completamente diferente das outras. Não chove, mas tudo se inunda à nossa volta; não se vê trovoada, mas há um barulho assustador que não nos deixa descansar; não há vento, mas algo sopra com força e desarruma a vida toda. Chama-se leucemia e durante uns tempos rouba-nos a alegria. A leucemia é um tipo de cancro, mas já vos explico melhor.

Podemos dizer que as tempestades costumam dar alguns sinais de que vão aparecer, uma brisa fria aqui, umas gotas acolá, uma escuridão que aparece no céu... Comigo foi mais ou menos assim.



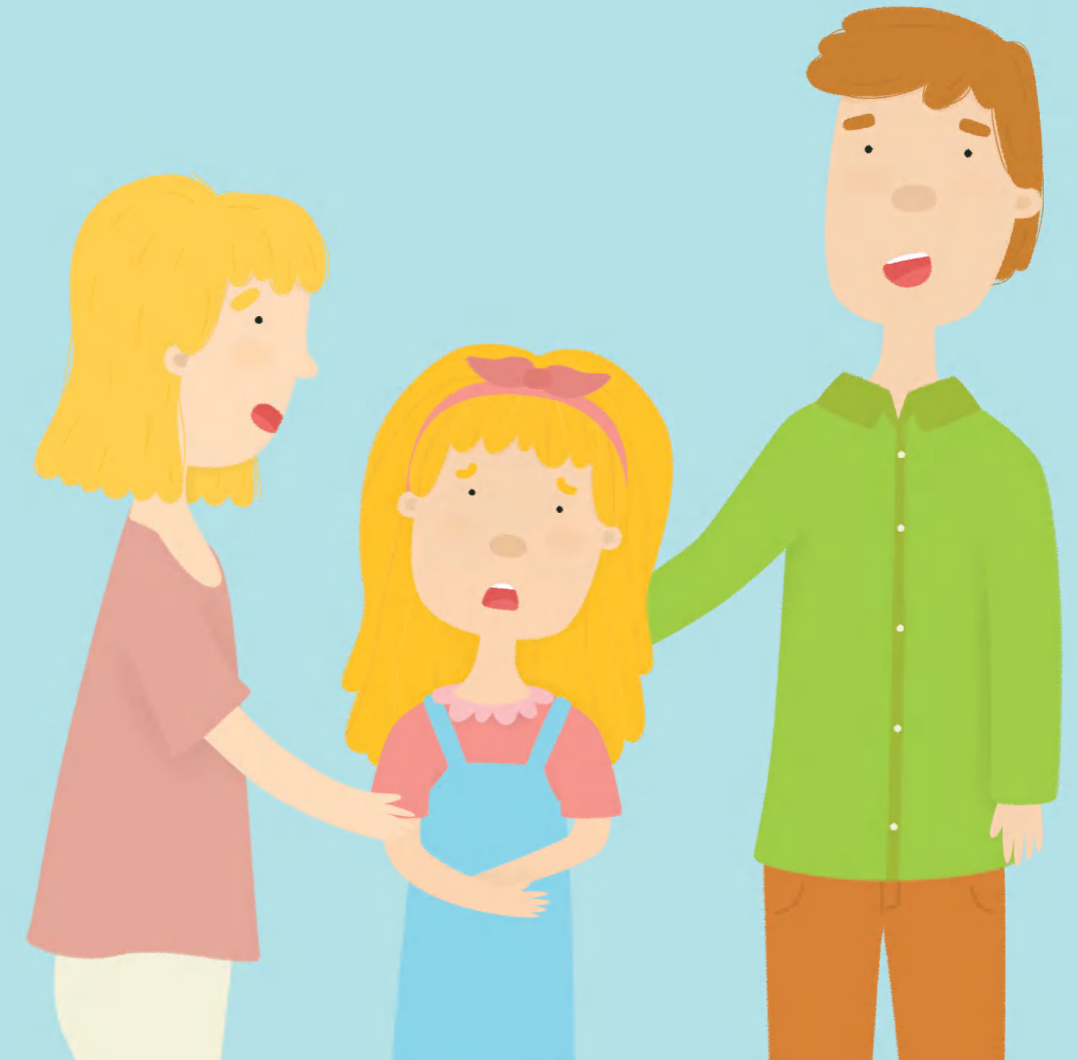
Era inverno e eu comecei a andar mais cansada e a não ter apetite. «Que coisa estranha!» — diziam os meus pais na brincadeira. — «Esta miúda está sempre pronta para comer! Devem ser esquisitices da idade...».

Eu tinha feito 10 anos há pouco tempo e lembro-me de pensar que, se crescer era assim tão chato, mais valia ser pequenina! Andava mesmo sem energia nenhuma, o que não era nada normal, porque quase nunca estou cansada! Estou sempre pronta para uma brincadeira, uma corrida ou um jogo.

Os meus pais deram-me umas vitaminas que a pediatra aconselhou mas, mesmo assim, não me sentia melhor.

Um dia o professor Eduardo teve de ligar para os meus pais porque eu estava a sentir-me mesmo muito mal, com dores pelo corpo todo, e esse foi o último dia em que fui à escola.

Fiquei muito aborrecida nesse dia, não só por estar doente, mas porque um colega disse que eu estava a fingir só para não ter de fazer o teste. Mal ele sabe o quanto eu fiquei preocupada por não poder fazer o teste!



Nessa noite apareceram-me umas dores de garganta e uma febre baixinha, que pensaram que era devido ao frio e até suspeitaram que o meu cansaço inicial já fosse por eu estar a «chocar» alguma gripe. Mas os sintomas teimavam em não passar, mesmo com a medicação receitada pela pediatra. Além disso, os gânglios linfáticos, que são aquelas bolinhas que se sentem no pescoço, ficaram maiores e a doer-me.



Os meus pais começaram a ficar preocupados, regressei à pediatra e pela primeira vez fiz análises ao sangue.

Chorei um bocadinho porque tive medo, mas a enfermeira explicou-me que aquilo era quase como levar uma vacina, e eu até tinha levado uma há pouco tempo e não tinha doído nada. Ela também me disse que era melhor não olhar para a agulha e aconselhou-me a respirar fundo, fechar os olhos e imaginar alguma coisa bonita — claro que pensei no mar!



Houve uma coisa que me ajudou muito também: quando ainda estava na sala de espera e outro menino estava a tirar sangue antes de mim, ouvi o mar dizer-me ao longe «Tu também consegues, Maria do Mar!».

Curiosamente, os meus pais disseram-me exatamente o mesmo, logo a seguir. Será que eles também o ouviram...?

No final, senti-me muito orgulhosa porque consegui fazer as análises.



As análises serviram para perceber melhor o que se passava dentro de mim. A enfermeira tirou o meu sangue para dentro de um tubinho e depois ele foi analisado ao pormenor.

Eu estava muito fraquinha e os médicos que me observaram suspeitaram que eu tinha um cancro e que estaria melhor no hospital.

O hospital chama-se IPO — Instituto Português de Oncologia. É um hospital enorme e já existe há muitos anos. Lá, trabalham pessoas com muita experiência no tipo de doença que eu tinha.



Quando os meus pais falaram comigo e com o meu irmão sobre o que se passava, lembro-me que a primeira coisa que senti foi receio de chumbar de ano porque não poderia ir à escola durante uns tempos.

Senti tantos medos ao mesmo tempo! Medo que os meus amigos se esquecessem de mim, que deixassem até de gostar de mim, medo de chegar à escola e já ter passado tanto tempo que já não conhecia ninguém, medo até de nunca mais conseguir lá voltar! E se eu me esquecesse de tudo o que aprendera, e se tivesse de ficar com outro professor e não gostasse dele, e se me esquecesse de como fazer contas? E se os meus colegas se rissem de mim...?

A verdade é que eu não queria mesmo nada ficar longe dos meus amigos com quem me divertia tanto nos recreios da escola. Não queria deixar o meu professor que ensina tão bem e, principalmente, não queria que os meus pais ficassem tristes por minha causa, preocupados nem cansados.

Os meus pais perceberam que eu estava preocupada e tranquilizaram-me, dizendo que era natural eu pensar em tantas coisas (algumas exageradas, eu sei!) e que no hospital nunca estaria sozinha. «Juntos, vamos conseguir!» — disseram eles ao mesmo tempo!



A partir daquele dia todos tivemos de aprender a viver de outra forma, pois as nossas rotinas mudaram. Mas com o apoio também dos avós tudo se tornou mais fácil e tranquilo para todos.

Os meus pais deram-me um boneco de peluche quando eu era pequenina para me ajudar a adormecer e a dormir sozinha na minha cama. Custou-me um bocadinho, mas o peluche dizia «Descansa, vai tudo correr bem!», e fazia com que me sentisse protegida.




Esse mesmo boneco acompanhou-me na minha ida para o hospital e internamento. Lembrou-me a minha casa e a coragem que tive quando comecei a dormir sozinha. Houve alturas em que, ao abraçá-lo, consegui imaginar-me na minha cama.

Por momentos, isso fazia-me sentir mesmo bem e juro que, às vezes, o ouvi dizer «Descansa, vai tudo correr bem!».

No meu primeiro dia no hospital, ao final da tarde, depois de as aulas terminarem, o Luís veio visitar-me com o pai. Os meus pais combinaram que, enquanto eu estivesse no hospital, seria assim: a mãe estaria comigo e o pai estaria com o Luís em casa, e às vezes trocavam. Assim teríamos ambos a atenção e carinho dos nossos pais. Eu precisava, mas o Luís também, porque para ele a situação também não era nada fácil!

Lembro-me bem do momento em que o Luís, aproveitando uma ausência dos nossos pais que foram para o corredor falar com a médica, chegou ao pé de mim e disse-me baixinho ao ouvido: «Isto é como uma tempestade no oceano, Maria do Mar. A maior onda que vamos atravessar até agora, num mar agitado e desafiante. Lembra-te que somos fortes e estamos todos juntos nesta aventura! É uma aventura chata e difícil, sim, mas tu és a menina mais corajosa que conheço e eu vou lembrar-te disso sempre que precisares!».





O Luís sempre teve jeito para me deixar feliz e ouvi-lo dizer aquelas palavras deixou-me com um sorriso nos lábios, mas também com algum receio... E se eu não conseguisse ser corajosa? E se a aventura não corresse bem? E se a onda nos engolisse? E se a tempestade nunca mais passasse? E se, e se, e se...?

«As tempestades assustam, é normal. E custam. Por isso, se chorares não faz mal!» — disse a minha mãe a rimar, enquanto me abraçava com força, na primeira noite que passámos juntas no hospital.

Quando uma tempestade aparece temos de nos proteger de todas as formas que conseguirmos. Aquela seria uma tempestade dura e o plano de ataque teria de ser duro também! Muita coisa havia a preparar e a fazer, por isso não havia tempo a perder, teria de fazer muitos exames e alguns tratamentos.

Tive muitas dúvidas, e sei que os meus pais também, mas a equipa do hospital explicou-nos tudo muito bem. Lá, todos são importantes e, cada um à sua maneira, cada um com a sua função, funcionam mesmo como uma equipa!



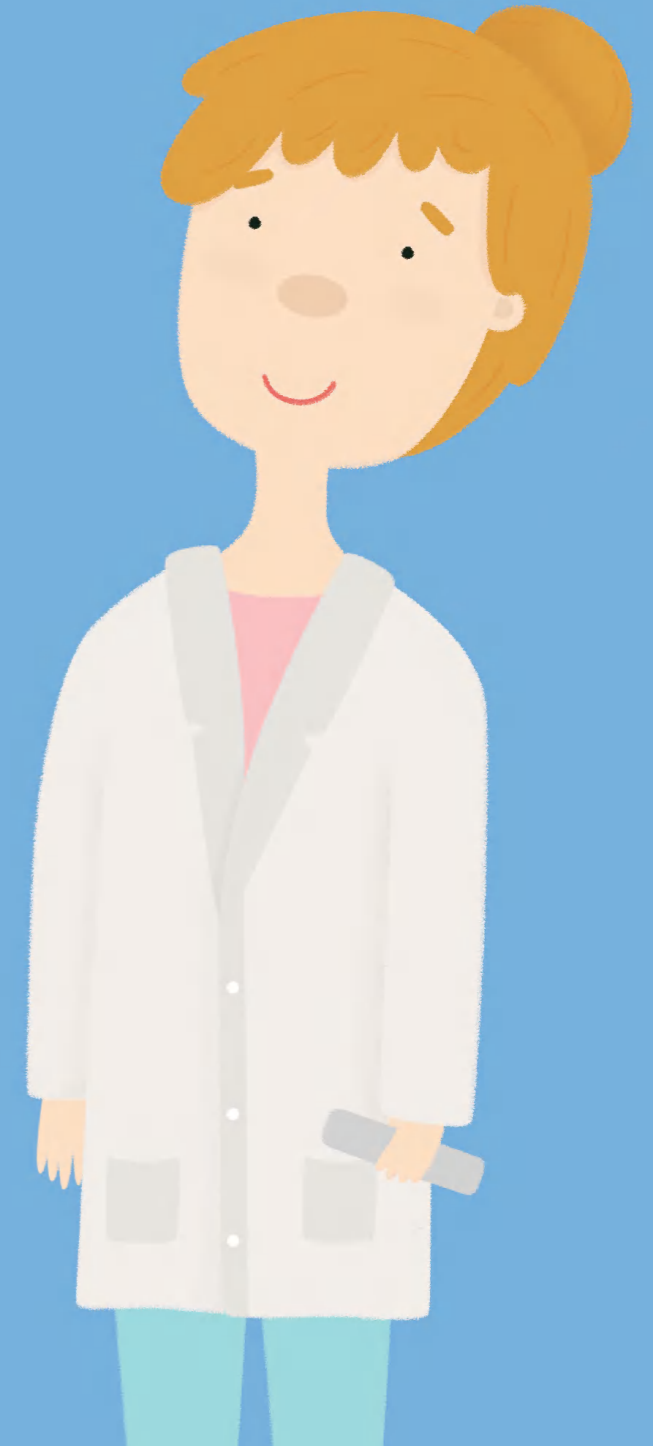
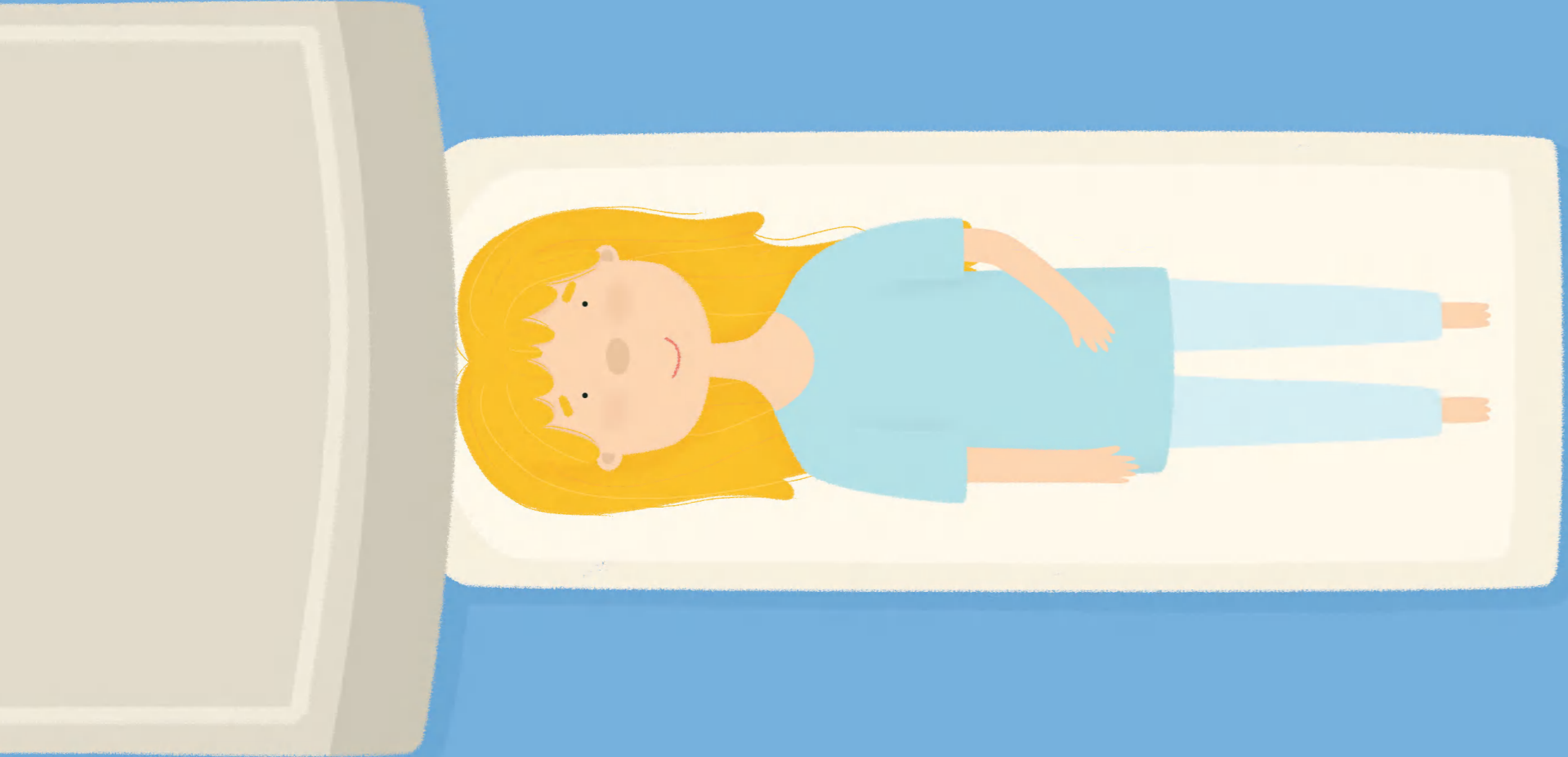
E sabem para que é que todos eles trabalham e qual a melhor coisa que lhes pode acontecer? Que nos sintamos melhor.

«Esse é o melhor prémio de todos; sentimo-nos como se recebêssemos uma taça!» — dizia o enfermeiro João, que eu chamava de «João brincalhão».



Foi o enfermeiro João que me acompanhou à radiografia, que é como uma fotografia ao meu corpo por dentro. Vi os meus ossos todinhos, o que foi giro, mas também um bocado esquisito... gosto mais de me ver por fora!

A doutora Sofia achou bem fazer outro exame, a TAC. Eu dizia que ela fazia magia, porque baixava e levantava a mesa onde me deitei, e fazia girar uma máquina à minha volta. A TAC também serve para nos ver ao pormenor por dentro. A doutora Sofia disse-me para brincarmos às estátuas, porque durante o exame não podia mexer-me. Ela também fez de estátua com caretas engraçadas, o que me divertiu muito.



Com a enfermeira Isabel fiz uma análise à medula óssea, que se chama punção lombar. Ela explicou-me que a medula óssea existe dentro dos ossos e é como uma «fábrica» vermelha e esponjosa que produz as células que fazem parte do nosso sangue. Supostamente, o que me estava a acontecer era que algumas das minhas células estavam doentes e com a análise iriam perceber porquê.

«Quando regressar à escola vou saber muita coisa sobre saúde!» — pensei eu.



Eu ouvi a palavra «análise» e pensei que era igual à que tinha feito anteriormente. Mas quando percebi que era um pouco diferente dessa, senti-me muito ansiosa. Tinha de estar deitada e muito quieta... e se doesse...? A enfermeira Isabel disse para não me preocupar porque a médica iria dar-me uma ajudinha.

A verdade é que a doutora Sofia mais uma vez fez magia! Colocou-me algo chamado anestesia e realmente fiquei a dormir, para que não sentisse dor.

A médica explicou-me que os resultados dos exames e das análises decidiam o que seria para fazer a seguir. «Como os testes da escola?» — perguntei-lhe. Ela sorriu e respondeu-me: «Mais ou menos, mas aqui não há negativas! Aliás, já tens uma boa nota porque te portaste mesmo muito bem e foste muito corajosa em todos eles!».

Este dia foi estranho e cansativo. Se tivesse de desenhá-lo seria cinzento e cheio de nevoeiro.



Lembro-me de ficar com muito sono e, quando acordei, ter um tubinho por baixo da pele — chamado cateter —, que iria servir para ajudar em todos os tratamentos e análises que teria de fazer. O primeiro tratamento foi muito importante. Chamava-se quimioterapia e servia para colocar o sangue novamente saudável. Foi a enfermeira Isabel que me explicou tudo, sabiam que ela tem uma voz doce como mel?

Enquanto fiz o tratamento, tive o meu pai e a minha mãe comigo e vimos o meu filme preferido. Nesse dia, depois do tratamento, dormi muito porque estava demasiado cansada.

Apesar de saber que estavam a fazer tudo para eu poder melhorar, já estava farta de estar doente e não poder fazer a minha vida normalmente.





A médica já me tinha avisado que os tratamentos que eu estava a fazer eram muito fortes e que era por isso que eu me sentia tão mal. Mas eram muito necessários para que eu ficasse boa!

Explicou-me também que aqueles medicamentos deixavam o corpo e o cabelo das pessoas muito fraquinho, e que por isso é que eu via tantas pessoas sem cabelo no hospital. Mas sinceramente eu não pensei que isso fosse realmente acontecer-me.

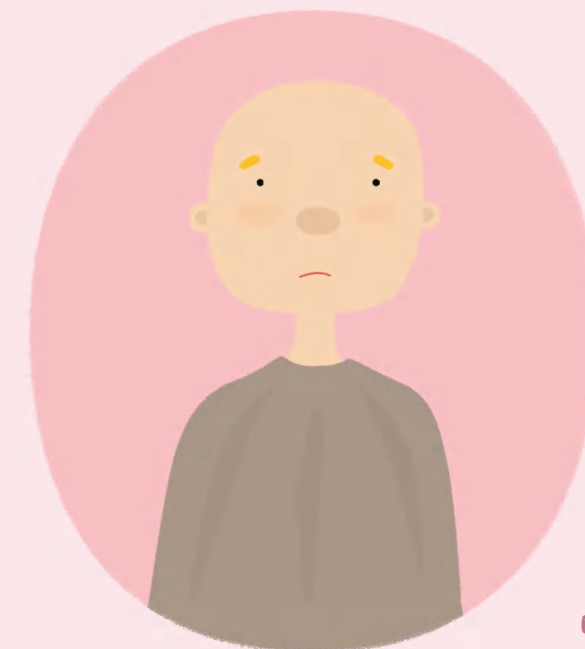
Um dia, ao tomar banho e ao passar o amaciador na cabeça, comecei a ficar com muitos cabelos nas mãos. Estavam a soltar-se tão facilmente!



Fiquei muito assustada e chamei os meus pais, que vieram a correr. Acho que nunca me assustei tanto e por isso chorei muito nesse dia.

«Não te preocupes, Maria do Mar. No hospital há uma cabeleireira própria para estas situações... Está habituada a cortar o cabelo às pessoas que fazem estes tratamentos e vai cortar-to muito bem, vais continuar muito bonita. Para nós és linda de qualquer maneira!»

Assim foi, primeiro fiquei com o cabelo curtinho e depois, aos poucos, acabou por cair todo.



«Papá, perdeste os teus raios de sol...» — disse eu ao meu pai quando me vi careca. «O teu sol brilha sempre, Maria do Mar. Às vezes vê-se, outras vezes só se sente». «O teu cabelo voltará a crescer, isto é só uma fase» — disse-me a minha mãe, a disfarçar a sua tristeza.

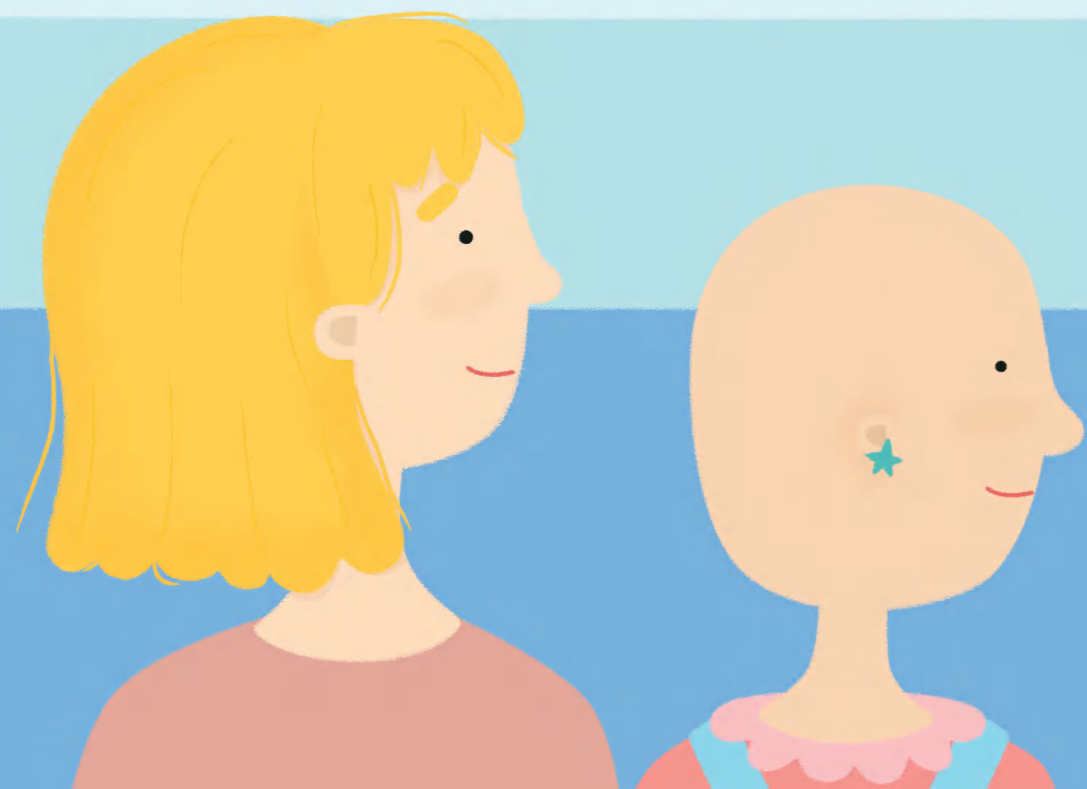
«Não podemos conter o mar, mamã» — disse-lhe eu. «O quê, Maria do Mar?» — perguntou-me ela, confusa com o que eu tinha dito. E eu expliquei-lhe: «Dentro de nós há um mar, que às vezes se revolta e não podemos conter as suas ondas salgadas, mamã. Chora à vontade». E ela chorou um bocadinho abraçada a mim. Disse-me que ficou emocionada com as minhas palavras, que eu era uma menina muito especial e que acreditava que em breve aquela tempestade iria passar.



A minha imagem mudou, o que, confesso, ao início não me agradou mesmo nada, mas fui-me habituando e as pessoas também. Mesmo depois de mudar continuei a ser a Maria do Mar! E agora tenho uma grande coleção de chapéus lá em casa!



Às vezes, o hospital parecia-me uma grande cidade, com indicações para a esquerda, direita, em frente; corredores compridos; salas para isto, salas para aquilo; pessoas que vêm, pessoas que vão, pessoas que passam; vários profissionais prontos a ajudar; senhas com números, aguardar, esclarecer, pedir, receber, combinar, agendar, sair, entrar, regressar... enfim, um grande corrupio! A verdade é que nos habituamos e, aquilo que ao início nos parece uma confusão, está muito bem organizado! E, quando passamos algum tempo neste pequeno mundo, acabamos por fazer parte dele, e algumas pessoas parte do nosso, quase como uma família.



É o caso da Concha. A Concha tem um nome que eu adoro... imaginam porquê?! Pois é, lembra o mar e até os olhos dela são da cor azul, e não imaginam o quanto eles falam! Sim, os olhos são uns tagarelas e os da Concha dizem frases bonitas como: «Tem esperança, estou aqui, vai passar...».

Ela é voluntária no hospital e também acompanha algumas crianças que estão a viver na casa Acreditar — que é uma casa partilhada por famílias que vivem longe e precisam de estar mais perto do hospital. Pois... há crianças que tiveram de mudar a sua vida ainda mais do que eu, porque além de estarem doentes, estão longe de casa e até do seu país!

Uma voluntária é alguém que decidiu trabalhar e ajudar sem receber dinheiro em troca. «Recebo outras coisas que não têm preço» — dizia a Concha. — «Como o teu sorriso e os abraços da tua mãe!». E eu sorria ainda mais!

A Concha foi uma pessoa muito importante para a minha família.

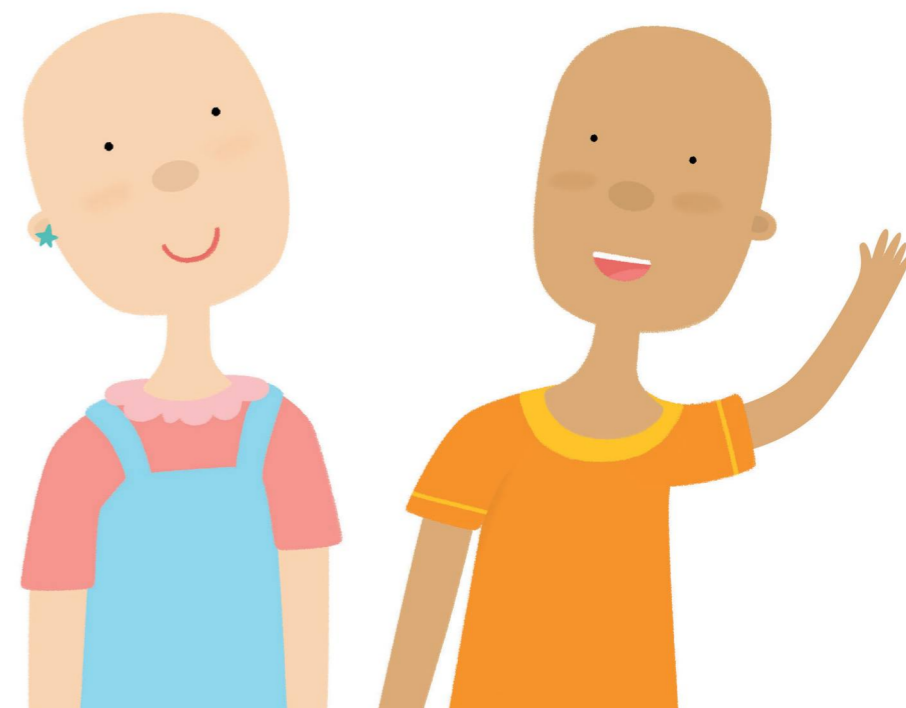
Além de me fazer companhia no quarto, quando a minha mãe e o meu pai precisavam de sair um bocadinho, fazia também atividades comigo na salinha das crianças, onde se pode brincar, estudar, fazer trabalhos manuais, jogar e tantas outras coisas pensadas para podermos divertir-nos. Eu adorava quando podia lá estar, porque me parecia que estava na escola e porque lá não me sentia tão doente nem diferente. Afinal de contas, ali todos tínhamos algo em comum.



É o caso da Cêcê, uma amiga que veio de Cabo Verde fazer tratamentos para Portugal. Conheci-a a ela e à Concha num dia em que estávamos na sala de espera a aguardar uma consulta e aquilo estava um pouco atrasado. Comecei a ouvir uma miúda a cantar e olhei para ela. Lembro-me de ficar pasmada porque ela estava a inventar uma música assim: «É importante saber esperar, pois há muita gente para ajudar. Já estou a ficar cansada, mas a médica vai atender-nos não tarda nada!».



Depois olhou para mim a rir e disse-me: «Chamam-me Cêcê, mas o meu nome é Cesária, em homenagem a uma cantora do meu país — Cesária Évora. E não é que eu adoro mesmo cantar?!». «E tens muito jeito! Eu sou a Maria do Mar e adoro rimar» — disse-lhe eu.





E pronto, foi assim que nasceu uma bonita amizade que tenho a certeza que vai durar para sempre! Partilhámos muitos momentos na salinha, fizemos passagens de modelo colocando lenços e chapéus na cabeça das formas mais originais que conseguimos, rimos e cantámos muito. Também nos sentimos tristes e cansadas de ali estar, mas a companhia uma da outra ajudou muito.



A Cêcê contou-me que em Cabo Verde há praias maravilhosas de areia branca e montanhas feitas de sal, imaginem! Combinámos que um dia ainda iríamos correr juntas pela praia... Enquanto isso não acontece, sempre que vou ao hospital ouço as paredes ecoarem a voz da Cêcê a cantar uma canção que fala sobre saudade.



Nunca mais me esqueci do que a Concha me disse uma vez, num dia em que eu estava aborrecida: «É verdade que, durante uns tempos, o cancro tira-nos a oportunidade de fazermos algumas coisas de que gostamos, mas também é verdade que aprendemos a fazer outras diferentes, e podemos até descobrir que temos um talento que não sabíamos». Percebi que a Concha sabia bem do que falava, também ela já tinha passado por isso. O talento dela agora era ajudar as crianças, e que bem que o fazia!

O certo é que eu comecei a desenhar cada vez mais, pois era aquilo que eu mais gostava de fazer para me entreter. Desenhava com vários tipos de materiais que tínhamos disponíveis na salinha e que chamavam por mim, dizendo «Maria do Mar, usa-nos para criar! Sabemos que vais gostar!». A verdade é que consegui mesmo fazer desenhos muito bonitos, e alguns até ficaram expostos no hospital!



Descobri que tinha um talento especial para me expressar através de rimas e cores, e isso também me ajudou muito quando não conseguia arranjar palavras para o que sentia. Os meus desenhos falavam por mim.



Enquanto estive no hospital recebi uma carta do meu querido professor. O professor Eduardo parece ter uma balança consigo, pois arranja sempre um equilíbrio perfeito entre o que exige e o que dá, a diversão e o trabalho, a matemática e a poesia.

Foi uma carta muito especial que guardarei sempre com carinho! Ajudou-me muito nas saudades que senti da escola na primeira vez que estive no hospital. Percebi que o professor e os meus colegas não se esqueciam de mim mesmo que eu não estivesse lá e isso foi bom, pois era um dos meus receios.

Olá Maria do Mar, a menina que melhor sabe rimar.

*Vou tentar fazê-lo também, apesar de saber
que não o vou fazer tão bem.*

*Mas já sabes o quanto é bom treinar e é isso
que estou sempre a incentivar!*

*Por isso, cá estou eu a tentar e espero que estejas
a gostar.*

*É proibido desistir, lembras-te que é isso que estou
sempre a repetir?*

Pois bem, envio-te esta carta pela tua mãe.

*Escrevo-te em nome de toda a escola, até daqueles
meninos que só pensam em jogar à bola!*

*Esperamos que em breve comeces a melhorar
e possas rapidamente regressar!*

Gostamos muito de ti e é como se estivesses aqui!

*O teu lugar não vai ser ocupado, vai ficar muito bem
guardado!*

*Vou enviando matéria com carinho, sempre
que puderes estuda um bocadinho.*

*Não deixes de aprender! Há muitas formas
de o fazer!*

*Um grande beijinho de todos nós, Maria do Mar;
sabemos que em breve vais voltar!*

Até já!

Professor Eduardo

A minha mãe contou-me que quando foi à escola falar com o professor sobre o que se estava a passar comigo, todos os meus colegas perguntaram por mim, disseram que eu fazia falta e mandaram beijinhos. Todas as pessoas da escola quiseram saber o que se passava e desejaram-me rápidas melhoras.



Senti um misto de alegria (por se lembrarem de mim!) e tristeza (tinha tantas saudades...). Senti também orgulho (por falarem em mim de uma maneira bonita!), mas também alguma vergonha (por estar doente...).

Em breve poderia vê-los, só precisava de ter um bocadinho mais de paciência. Iria poder regressar a casa e depois finalmente à escola.

Aquela foi uma fase muito difícil para todos. Tive dias em que me senti muito cansada e até zangada, nessas alturas não me apetecia estar com ninguém.

Mas lembram-se do que vos contei no início? De como aprendi a ouvir as coisas? Houve um dia em que relembrei isso tudo.

Foi assim que aconteceu: a Samira e a Inês são as minhas BFF, que significa melhores amigas. Um dia, em que eu estava especialmente triste, elas apareceram e eu acabei por ficar muito feliz por estarem ali. E claro, elas contaram-me todas as novidades da escola.



Traziam desenhos dos meus colegas e também uma caixinha que dizia «Maria do Mar rima com acreditar!»! Era um presente para mim! Lá dentro tinha nada mais nada menos do que um bocadinho da praia: um frasquinho com areia, um colar feito de conchinhas e um búzio grande. Elas disseram que até vento tinham guardado ali!



«Maria do Mar, põe o búzio no ouvido. Dizem que conseguimos ouvir a praia!» — pediram elas. Eu assim fiz, e qual não foi o meu espanto quando ouvi:

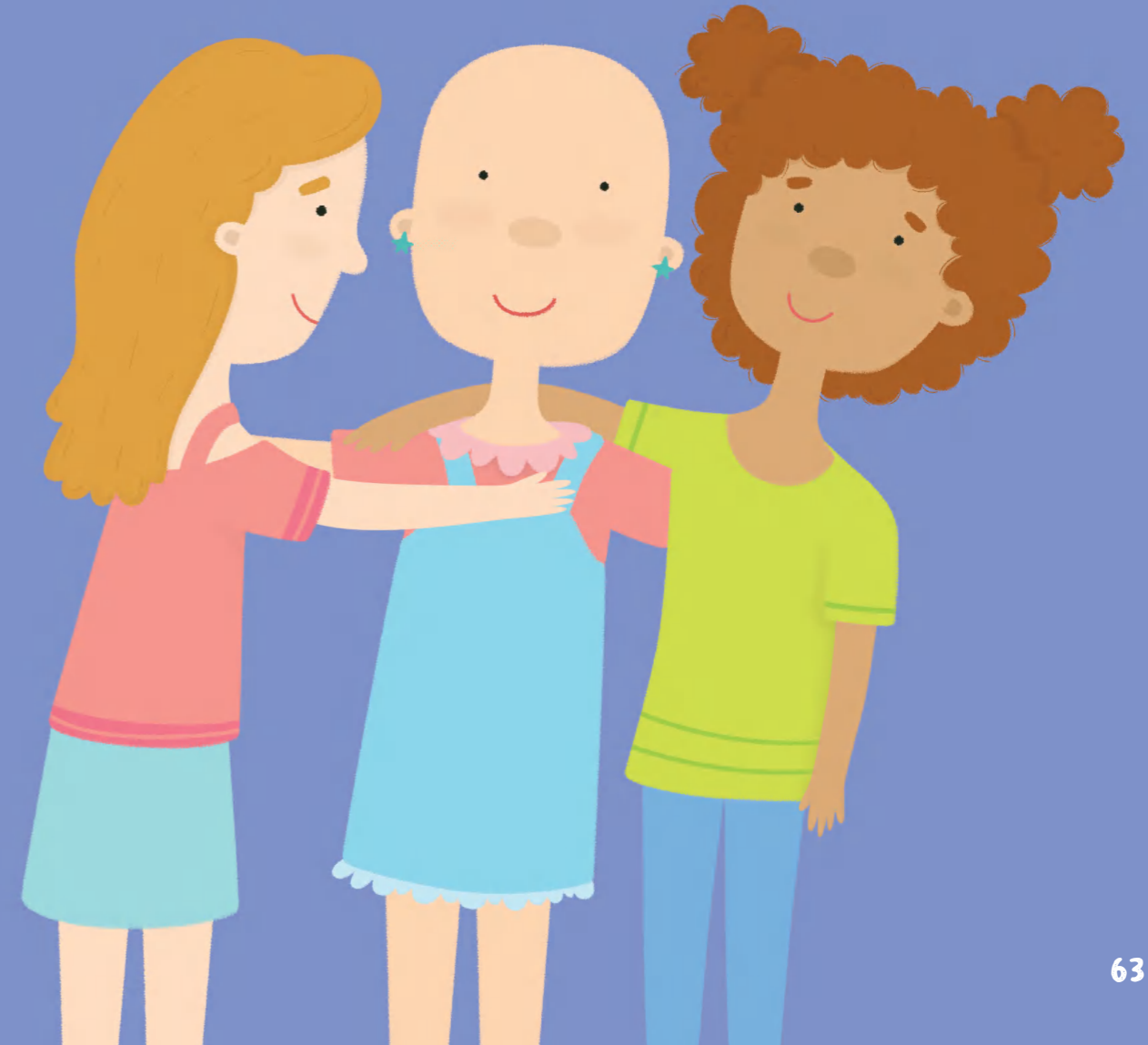
«Acredita! Sê forte como eu!» — disse o mar.

«Vá, não desistas!» — sussurrou o vento.

«Não há problema nenhum em não conseguir à primeira!» — disseram as gotas de água.

«Estamos contigo!» — cantaram os peixes.

«Quem tem amigas assim, tem tudo!» — pensei eu e sorri-lhes, como já não sorria há muito tempo! Tinha tido tantas saudades daquelas vozes, das delas e das outras que tanta força sempre me deram!





No primeiro dia em que fui à escola depois de estar muitos dias no hospital, os meus colegas tinham preparado a sala de uma forma muito especial. Estava decorada com desenhos deles e havia um grande cartaz que dizia «Maria do Mar, estávamos à tua espera!». Foi muito bom revê-los e perceber que tinham sentido a minha falta. Como o professor Eduardo tinha conversado com eles sobre o que se passava comigo, e eles sabiam que eu estava frágil e sem defesas, não acharam estranho o facto de eu levar máscara para me proteger melhor.

Alguns colegas queriam levar-me a mochila, outros queriam até fazer os exercícios por mim, mas o professor Eduardo disse logo que isso não.

«Obrigada por todas as vossas ajudas, mas os exercícios a Maria do Mar consegue fazer. Até enquanto estive no hospital e em casa trabalhou um bocadinho! Não é verdade, Maria do Mar?» — perguntou ele.

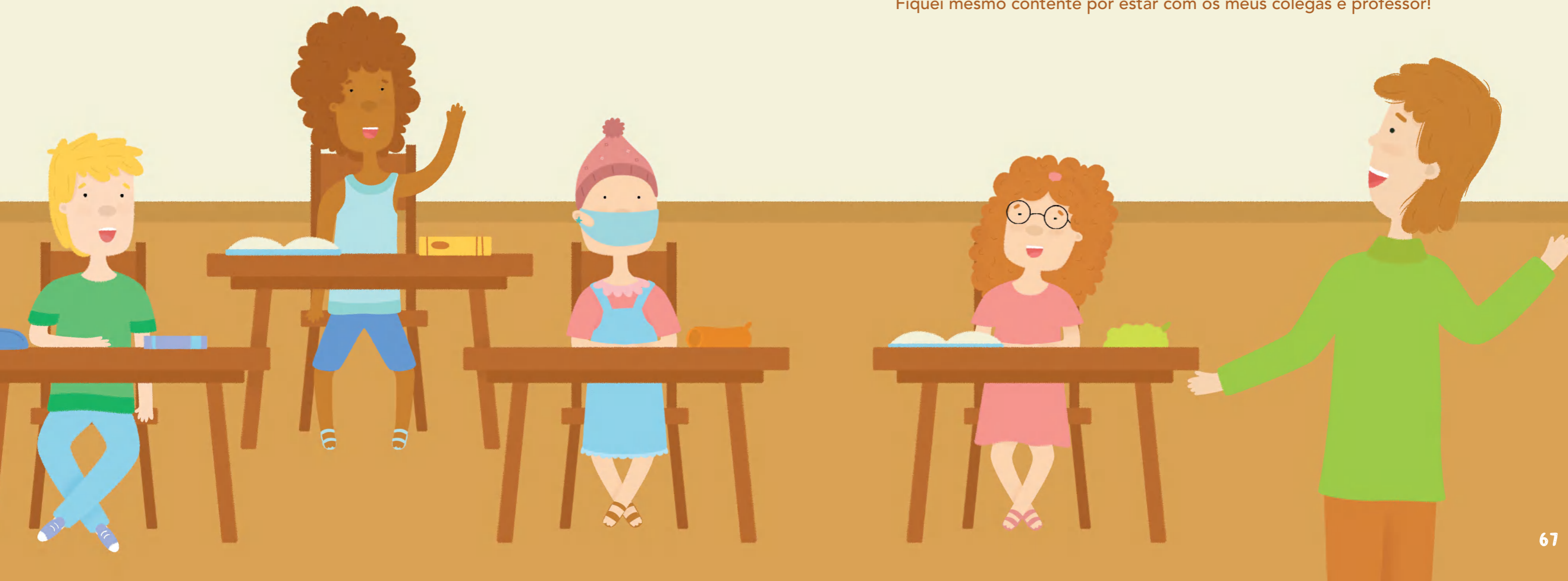
«Sim. No hospital há professores que nos ajudam a fazer exercícios para não nos esquecermos do que aprendemos na escola. Depois, quando fui para casa, a Samira e a Inês levaram-me as fichas que vocês foram fazendo aqui. Tirando aqueles dias a seguir aos tratamentos em que fico muito enjoada, com dores de cabeça e muito sono, depois consigo fazer tudo normalmente. Claro que tenho de ter atenção a algumas coisas, por exemplo: não apanhar frio, não me cansar demasiado e não estar ao pé de pessoas doentes que me possam pegar uma constipação ou uma virose qualquer. Por isso é que esta máscara é uma grande ajuda».



«A Maria do Mar agora virá à escola normalmente, tirando alguns dias em que terá de se ausentar para fazer vigilância. Isto é, algumas idas ao hospital que são necessárias para a sua recuperação. Se ela precisar de ajuda para alguma coisa, ela mesma pede. Foi assim que ficou combinado» — disse o professor. «lupiiii!» — disseram os meus amigos.

E o professor continuou: «Tal como já vos tinha alertado, é importante que todos tenhamos alguns cuidados: lavar as mãos frequentemente e não tossir ou espirrar para cima de ninguém, cuidados esses que devemos ter sempre. Mas agora é uma oportunidade de relembrá-los!».

Fiquei mesmo contente por estar com os meus colegas e professor!



Mas, nesse mesmo dia, no recreio, vi alguns colegas de outras turmas a segredarem enquanto olhavam para mim e outros vieram a correr ter comigo. Confesso que fiquei um bocadinho desanimada e até irritada.

— Estás tão branca, Maria do Mar!

— É por estar tanto tempo em casa... — respondi.

— Pensava que ias estar mais magrinha mas até tens umas bochechinhas!

— É dos medicamentos que eu tomo... — respondi outra vez.

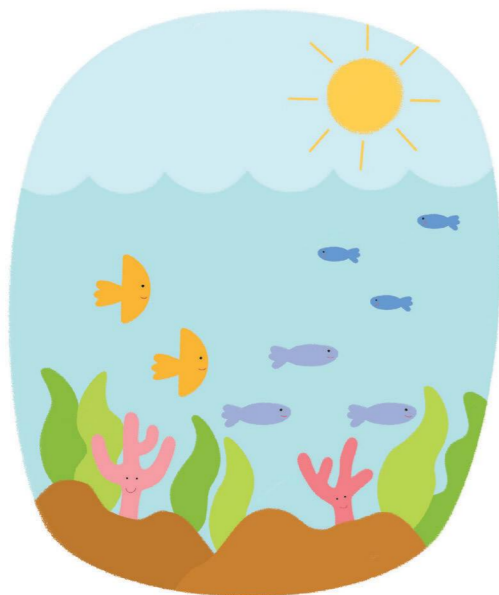
— Esse gorro não te faz calor? Porque é que não o tiras? E essa máscara... Tens de andar sempre com ela? Ainda te lembras de como se fazem contas de dividir? Grande sorte não teres de fazer trabalhos de casa. Agora já vens todos os dias à escola? A tua doença pega-se?

— Deixem-na! Estão a cansá-la! — disseram alguns colegas da minha turma.

— Não faz mal — disse eu. — É normal estarem curiosos. Vou explicar-vos como a médica me explicou. A minha doença chama-se leucemia e não, não se pega, não se preocupem.

— Sim, a nossa professora já nos tinha explicado. — disseram alguns.





— Ok, mas eu vou explicar-vos ainda melhor! Da mesma forma que a doutora Sofia me explicou. Imaginem um mar calminho, com água transparente e morna, que o sol aquece. Está cheio de peixinhos contentes e conchinhas bonitas. Assim somos nós quando estamos saudáveis.

Agora imaginem que nesse mar começam a aparecer umas algas, muitas algas prejudiciais que não deviam ali estar e não se sabe porque apareceram.

Essas algas crescem e começam a multiplicar-se, querem o mar só para elas! Começam a ser tantas que não deixam o sol aquecer o mar, invadem o espaço dos peixinhos, tapam as conchas e começam a fazer mal a todo o mar. Assim somos nós quando estamos doentes.

— Foi por isso que o teu cabelo caiu? — perguntou um pequenito do primeiro ano.



— Não. O meu cabelo caiu porque, para destruir as algas que não devem ali estar, lança-se um produto em todo o mar. Como as algas são muito resistentes, o produto tem de ser muito forte e acaba por destruí-las a pouco e pouco, mas destrói também outras coisas boas que fazem parte do mar. Podemos dizer que, para ele ficar outra vez bom, terá de passar por algumas dificuldades.

— Cair o cabelo foi uma das tuas dificuldades, verdade, Maria do Mar? — perguntou-me uma amiga.

E eu respondi: «Sim, custou-me muito porque de repente fiquei muito diferente. Mas qualquer dia ele cresce novamente. Até pode crescer encaracolado!».



Os meus amigos ficaram espantados e ainda disseram: «És mesmo parecida com o mar! Forte! Gostamos muito de ti, Maria do Mar, com e sem cabelo! Agora vamos brincar!».

Com o tempo, voltei às rotinas da escola e já ninguém ligava muito ao facto de eu andar sempre de gorro, nem aos alimentos diferentes que eu às vezes tinha de comer.



Conseguia fazer quase tudo, menos nas aulas de ginástica porque não podia fazer grandes corridas. Nessas alturas eu tornava-me na ajudante do professor — ficava a ver se alguém fazia batota, quem chegava primeiro à meta e ainda colocava os obstáculos para os jogos.

Nos dias em que estava mais fraquinha ficava em casa, mas a minha mãe trazia-me coisas da escola que o meu professor enviava.





Cresci muito durante este ano, tanto por fora como por dentro! Vou continuar a fazer tratamentos durante mais uns tempos, mas sei que é para ficar cada vez mais forte e saudável.

Perguntam-me muitas vezes onde arranjo coragem e força para atravessar este desafio nada fácil... Decididamente, tem sido com a ajuda das pessoas importantes da minha vida, que são tantas! E também nas vozes de tudo aquilo que me rodeia — tento sempre imaginar que me dizem coisas boas e bonitas! Recordam-se de, no início, ter-vos dito que as coisas têm algo a dizer-nos e que, se treinarmos muito, conseguimos ouvi-las?

Pois bem, o truque de que vos falei para ouvir tudo com atenção é, além dos ouvidos, usar principalmente o coração. Tenho a certeza de que palavras bonitas a ecoarem por todo o lado farão com que cada um se sinta mais amado.

Agora sei que acreditar e sentir a força do amor foi o que me ajudou a sentir menos dor.



FIM

A ASSOCIAÇÃO ACREDITAR

Desde 1994 que a Acreditar acompanha as famílias que se deparam com o diagnóstico de cancro dos seus filhos, ainda crianças ou já jovens. Distinguimo-nos por ser uma associação de pais que, contando com um dedicado corpo profissional, mantém naqueles o seu pilar.

Ao longo de mais de 25 anos temo-nos adaptado às sempre renovadas realidades e necessidades dos doentes e das suas famílias. Hoje garantimos a nossa presença em todas as fases da doença, seja nos hospitais, nas Casas Acreditar ou no domicílio. O nosso apoio desdobra-se nos planos emocional, logístico, social, jurídico, escolar ou outro de que as famílias necessitem, sempre com o objetivo de promover a qualidade de vida de quem enfrenta esta situação. No âmbito da escolaridade, pretendemos minimizar dificuldades escolares e garantir a melhor integração possível.

Todo o trabalho que levamos a cabo só é possível porque contamos com uma grande rede de apoio. Sócios, mecenas, voluntários e muitos amigos que, das mais diversas formas, nos permitem acompanhar cerca de 2000 famílias a cada ano.

«Sou a Maria do Mar e tenho uma história para vos contar...». É assim que começa esta história, contada na primeira pessoa por uma criança que se depara com uma doença oncológica.

No momento em que conta a história, já está curada e aproveita a sua experiência para ajudar outras crianças na mesma situação.

Fala do seu percurso, desde que descobriu que estava doente até regressar à escola e da importância das pessoas que fizeram parte dos seus dias, desde a família aos amigos, dos colegas aos professores e todos os profissionais de saúde e voluntários da Acreditar que a acompanharam.

ISBN 978-989-8937-24-7



9 789898 937247



Apoio:



Conceção:

IDEIAS COM HISTÓRIA®